

Yana Andreeva
Sofijski Universitet "Sv. Kliment Ohridski"
yanandreeva@abv.bg

A busca de identidade em *Jornada com Rupert de Salim Miguel*

Resumo:

A comunicação aborda a questão da construção identitária no romance do escritor brasileiro Salim Miguel, na sua imbricação com as temáticas da migração e do multiculturalismo. São focados os aspetos que configuram a ambígua identidade das personagens imigrantes: a cultura material e espiritual do país de origem em confronto, coexistência ou fusão com a cultura do país de acolhimento; as crenças religiosas; os padrões de relacionamento familiar; a vivência da diáspora pelos imigrantes e seus descendentes; a preservação ou transformação da linguagem das origens em contacto com a outra língua; o diálogo entre as pequenas histórias individuais dos imigrantes e a grande história do Brasil.

Palavras-chave: literatura e migração, identidade de imigrante, nova ficção brasileira, Salim Miguel.

Abstract:

The article discusses the construction of identity in the novel *A Journey with Rupert* by Brazilian writer Salim Miguel in relation to the problems of migration and multiculturalism. The analysis focuses on the aspects which determine the double identity of the immigrant characters: the culture of the native country in comparison to that of the foreign country; religious beliefs; family relations models; the diaspora experience (both empirical and mental) by different

generations of immigrants; the preservation or alteration of the mother tongue at the contact with the new linguistic reality; the dialogue between the immigrants' little narratives and the grand narrative of Brazil.

Keywords: literature and migration, migrant identity, new Brazilian fiction, Salim Miguel.

O tema da migração, dimensionada como mobilidade planetária de grandes grupos de indivíduos em diversas épocas históricas ou como traço intrínseco da atual era de globalização e supermodernidade, tem atraído o interesse dos criadores literários em diversos espaços linguísticos e culturais. Orientando-se para problemáticas que se relacionam com o multiculturalismo e a interculturalidade, a literatura tem desenvolvido a reflexão sobre a migração e sua repercussão na definição identitária do indivíduo, repensando e redefinindo em muitas ocasiões as identidades nacionais.

Ao representar ficcionalmente o processo de identificação de identidade de personagens emigrantes ou imigrantes, a ficção brasileira produzida nas duas últimas décadas revela de um modo pronunciado esse interesse pelas temáticas do multi- e do intercultural. Escritores contemporâneos como Nélida Piñon, Milton Hatoum, Salim Miguel e Cíntia Moscovich conjugam a problemática da migração com a da identidade, explorando-as por via de uma escrita literária ambígua, entre o ficcional e o autobiográfico.

Para equacionar o problema de uma e/imigração que indaga a sua identidade, ao defrontar-se com as distâncias que a separam do país de origem e do país estrangeiro, a ficção procura revelar aspetos que dimensionam a noção de identidade: a presença da cultura material e espiritual dos países de origem das personagens imigrantes em confronto, coexistência ou fusão com a cultura do país de acolhimento; as tradições e crenças religiosas; os padrões de relacionamento familiar e afetivo; a vivência psicológica da diáspora nas gerações dos adultos e das crianças pela conservação ou perda da memória das origens; a preservação ou transformação da linguagem das origens em contato

com outras linguagens; afinal, a presença ou ausência de um diálogo entre as diferentes culturas.

O que aqui pretendo apresentar é um breve estudo da conjugação da problemática da migração com a da identidade, focando um dos textos que integram o vasto panorama de abordagens ficcionais da migração na nova ficção brasileira. O romance de Salim Miguel¹ *Jornada com Rupert*, publicado em 2008, apresenta a partir de uma perspectiva multicultural a história da imigração germânica no Brasil e ilustra o diálogo entre as pequenas histórias individuais dos imigrantes e a grande história do Brasil, a história do país que lhes deve sua identidade de Nação e simultaneamente lhes questiona suas identidades de indivíduos.

Visto que as referências histórico-sociais permeiam profusamente o romance, parece-me oportuno citar alguns dados sobre a imigração alemã no Brasil, disponíveis em várias fontes em linha. A seguir aos portugueses e aos suíços, os alemães tornaram-se os terceiros imigrantes europeus a se estabelecerem no Brasil, fundando, em 1824, uma colônia na região serrana do Rio de Janeiro que originou a atual

¹ Salim Miguel é um dos escritores brasileiros da atualidade cujo percurso biográfico justifica a problematização da identidade nacional e da imagem do país na visão do imigrante. Nasceu numa aldeia do Líbano e aos três anos de idade chegou ao Brasil. Durante a infância, residiu com a família no Rio de Janeiro, depois São Pedro de Alcântara, em Santa Catarina, na cidade de Biguaçu e, finalmente, em 1943, em Florianópolis. Todos estes pontos de passagem no percurso da família de imigrantes vão ser recriados autobiograficamente como ambientes na sua obra ficcional. Escritor, jornalista, redator e editor, Salim Miguel fez parte do Grupo Sul, com que se identificou o movimento modernista catarinense. Sua produção literária mereceu vários prêmios e distinções públicas e é integrada por mais de 30 livros publicados, em que o escritor explora gêneros diferentes, mostrando uma predileção pelos contos, crônicas, romances e escritos memorialísticos. É de notar que é precisamente por via da ficção literária que Salim Miguel aborda suas próprias origens, lançando em 1998 um dos seus melhores romances, *Nur na escuridão*, em que faz o relato autobiográfico da história dramática de uma família de imigrantes libaneses que chega ao Brasil na década dos anos 20 de Novecentos e se instala em Santa Catarina para construir uma nova vida.

cidade de Nova Friburgo. Ainda em 1824, um segundo grupo de colonos alemães aportou ao Brasil, dirigindo-se a São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, onde assentaram, recebendo do governo sementes para a plantação e gado para o sustento. A partir de São Leopoldo e seguindo o caminho dos rios, os colonos germânicos ocuparam em poucos anos a região e assim, por volta de 1850, fundaram as colônias de Brusque, Joinville e Blumenau, em Santa Catarina. A colônia de Blumenau prosperou extraordinariamente, graças ao espírito empreendedor do seu fundador o Dr. Hermann Blumenau, tornando-se um dos maiores empreendimentos colonizadores da América do Sul e um importante centro agrícola e industrial. Em 1880 a cidade de Blumenau já contava com 15 mil habitantes e foi a partir daí que os alemães se expandiram e colonizaram todo o norte de Santa Catarina. Atraídos por promessas de terra e de prosperidade e para fugir dos conflitos armados na Europa, entre 1850 e 1888 à região de Santa Catarina chegaram mais de 17 mil alemães, agricultores e comerciantes sem recursos, na sua maioria protestantes. Os descendentes dos imigrantes que no séc. XIX se fixaram nas colônias rurais do Brasil conservaram a identidade germânica, mantendo os laços com a Alemanha, organizando-se em sociedades teuto-brasileiras, preservando seus hábitos culturais, usando a língua alemã, que ensinavam nas suas escolas e em que editavam os seus jornais. Na década dos anos 30 de Novecentos, época em que as colônias alemãs se revelaram como um terreno fértil para a divulgação da propaganda nazista, o governo de Getúlio Vargas promoveu um projeto de nacionalização dos estrangeiros, baseado numa política de assimilação radical que incluía medidas como a proibição do uso do alemão e do seu ensino nas escolas locais, a par da confiscação dos bens dos que infringiam tais proibições. O projeto surtiu profundos efeitos no seio da comunidade imigrante alemã. Hoje em dia, a população descendente dos imigrantes alemães, que se concentra na cidade de São Paulo e nos três estados do Sul: Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná, está completamente integrada na sociedade brasileira, embora conserve uma ligação intrínseca com a cultura material e espiritual das suas origens.

Abordando por meio da ficção a história da colonização alemã do Sul do Brasil, o romance de Salim Miguel vai recriar o processo de construção de uma nova identidade, a do descendente de imigrantes. Eis como o escritor revela explicitamente a intenção do seu projeto, em simultâneo ficcional e histórico-documental, na *Nota final* que acompanha o romance:

As primeiras anotações e pesquisas para este livro datam de 1948, quando tentei resgatar impressões e lembranças da infância, transcorrida em duas pequenas comunidades de imigração alemã (São Pedro de Alcântara e Rachadel), e do restante da infância e adolescência em Biguaçu, onde convivi com descendentes de açorianos, portugueses, italianos, negros, índios, outra vez alemães e libaneses. (...) tento manter-me fiel ao projeto de então: reconstruir hábitos e costumes com os quais eu convivera, transplantando-os para o vale do Itajaí. Agora, ao concluir esta que espero ser a penúltima versão, deparo com a crítica acerba do protagonista Rupert, que me questiona discordando de algumas passagens e não aceitando o fato de que estou fazendo uma ficção, no propósito de recuperar fragmentos de um século (1850-1949) no decorrer de um único dia [Miguel, 2008: 173-174].

Essa jornada em que se pretende resgatar a história de um século é o dia em que o protagonista da narrativa, Rupert Van Hartroieg, filho de colonos alemães, parte de Blumenau, fugindo da família e do passado, para construir uma nova vida. Enquanto viaja, Rupert rememora a infância e a adolescência transcorridas no escuro e frio casarão dos Von Hartroieg em Blumenau. Nessa labiríntica rememoração, em que espaços e tempos ficam suspensos ou sobrepostos, a narração ora segue a cronologia da história familiar, ora recua para tempos heroico-lendários, ou prospetivamente antecipa a decadência da família. Surgem assim as figuras e os episódios que configuram os modelos de relacionamento entre os colonos alemães. Em primeiro plano emerge a figura de *Herr* Hans, o pai voluntarioso, industrial rico que simpatiza com o nazismo, seguida pela de *Frau* Ana, a mãe triste e submissa que vive encolhida na sombra do marido depois da morte do filho Caçula. A covardia e falta de caráter de Fritz, o irmão

mais velho que na sua obediência absoluta ao pai chega a aceitar o casamento com uma mulher “importada” da Alemanha, desistindo da noiva brasileira de que tanto gosta; a revolta de Karla, a irmã tentada pela liberdade, mas também intimidada pela autoridade do pai; as relações sentimentais, complicadas e inseguras, com os amigos da infância Hermann, Ilze e Jandira, tudo contribui para a demarcação do passado em Blumenau como lugar e tempo de opressão, insegurança e indefinição. Na reconstrução do vivido integram-se também, por repetitivos discursos de autoafirmação egocêntrica e nacionalista, as memórias de *Herr Hans*, filho dos primeiros colonos que chegaram a Santa Catarina, acompanhando o farmacêutico Hermann Blumenau. As histórias da época da primeira colônia, muitas vezes relatadas pelo pai ao filho, marcam com o signo da origem alemã a identidade de Rupert, gravando nela a história de conquistas e perdas que acompanha o estabelecimento dos imigrantes na região. O espaço em que simbolicamente se inscreve, afirma, resiste e perpetua a identidade germânica das personagens é o casarão em que vivem as sucessivas gerações da família Hartroieg:

A casa era de cor pardacenta, firme nos seus alicerces de pedra. Abrigara desde o início a família. Ali viviam, cresciam e morriam os Von Hartroieg. Tinham chegado nos anos 1870, motivados pelas cartas do Dr. Blumenau e pelas notícias, que então passaram a circular na Alemanha, falando o quanto era promissora a nova terra. (...) O casarão fazia parte do viver de todos, impregnando-os [Miguel, 2008: 18-19].

Essa identidade de origem, simbolizada pelo toscano, sólido e inacabado casarão, no final, será abandonada pelos filhos dos Hartroieg que, depois da morte de *Herr Hans*, fogem da casa e da cidade sem deixar nem rastro, nem descendência.

A definição identitária do protagonista Rupert apresenta-se em termos altamente conflituosos e constrói uma das tensões temáticas fundamentais do romance. Na infância, a identidade germânica parece ser assegurada pelo apego aos parentes e pelo encanto das festas em que se “cantavam tradicionais canções cujas origens se perdiam no tempo, evocando a velha Alemanha das lendas, das Walkírias, dos

Niebelungen, da Lorelei” [Miguel, 2008: 20]. As festas que Rupert rememora reproduzem entre os imigrantes e seus descendentes a cultura material e espiritual do país de origem – as danças e canções populares, as velhas lendas germânicas, o aroma das bebidas quentes e dos bolos caseiros são evocados pelo narrador ao descrever o ambiente de convívio familiar entre as diferentes gerações:

Nas longas noites de inverno, ao som da velha vitrola que levava ao lar as baladas alemãs, *Lieder* sentimentais, enquanto ao pé do fogo a família ouvia os velhos contar para os mais moços histórias dos feitos gloriosos, que por sua vez já haviam escutado dos pais. Falavam da distante Alemanha, com entusiasmo incontido, as vozes se cruzando numa algazarra geral, ninguém já agora se entendendo, pois todos gritavam ao mesmo tempo, tocados pela bebida e mais o som rouco da vitrola, formando um conjunto estranho [Miguel, 2008: 19].

Há um claro prenúncio de dissolução e rutura nesses sinais de desafinação entre velhos e moços, nessa reiterada sensação de estranhamento e sobretudo no fim decetivo da festa. O distanciamento identitário entre a geração dos velhos e a dos novos germina já na infância. O alheamento da família, da tradição, que Rupert experimenta no percurso da adolescência para a maturidade, já está cifrado na decepção com que acaba a festa, renunciando o progressivo e dramático apagamento daquela identidade ancestral que na infância identificara Rupert com os seus:

As vozes, esganizadas e gastas dos velhos, roucas vozes, se uniam às vozes inseguras das crianças e às moduladas dos jovens, formando um conjunto estranho, porém melodioso. Ocasões havia em que não se acertavam, um avançava, outro recuava, acabavam rindo ou zangados, conforme o humor dominante. (...) O fogo ia se extinguindo aos poucos, o frio aumentava; então todos se erguiam, cansados, de um cansaço inexplicável, saudosos muitos deles do que não conheciam nem nunca tinham visto [Miguel, 2008: 20].

A incompreensão de como se pode manter a ligação afetiva com uma realidade estática, a esvair-se com o tempo e a distância, é um

dos motivos que provocam o profundo desentendimento do filho com *Herr Hans*. As relações de Rupert com o pai, portador de uma firme identidade alemã, aferrada na consciência de superioridade racial, na visão heroica da colonização e na religião luterana, tornam-se cada vez mais conflituosas. O filho rejeita as ideias do pai, reclama pelo massacre dos índios e pela traição ao idealismo dos primeiros colonos. Pois à medida que a cidade se industrializa, crescendo desmesuradamente nas suas estruturas e na riqueza dos seus habitantes mais empreendedores, vai sendo esquecido o projeto de Hermann Blumenuau e Fritz Muller – “fazer uma colônia agrícola, uma comunidade de trabalho no campo, plantio da terra, criação do gado, a lavoura, a vida pastoril (...) uma vila comunal, os homens sendo como irmãos, se repartindo os haveres e as necessidades” [Miguel, 2008: 23-24].

Reproduzindo à escala da família a degradação das relações sociais na colônia, a riqueza material dos Hartroieg vai arruinar as relações humanas entre pai e filhos, sendo mais um fator de peso no processo de dissolução da identidade de origem. As poucas ocasiões em que a família se reúne são à volta da mesa. A mesa que outrora, na infância, fora lugar de convívio, torna-se agora lugar de desentendimentos e discussões violentas. Os pratos servidos pela mãe são exclusivamente do gosto do pai – o assado, rodeado de *Kartoffeln*, o *Apfelstrudel*, sem que os filhos manifestem alguma preferência culinária. A indiferença pela comida tradicional servida em casa traduz o distanciamento de Rupert e seus irmãos dos padrões culturais impostos pelos pais. Em contrapartida, fora do espaço opressor da casa, os jovens, introduzindo-se no ambiente multicultural da grande cidade brasileira e alargando assim sua identidade pelo acesso a outras culturas, bebem chopes, vinho espanhol, vermute com gim, comem sanduíches, azeitonas, saladas, batatas fritas, arroz e carne, *paella*.

Os modelos comportamentais, seguidos tradicionalmente pelas famílias alemãs luteranas, também são menosprezados pelos filhos. A revolta de Rupert contra os padrões dessa identidade rígida expressa-se na recalcitrante desconsideração das regras. As bebedeiras constantes, as brigas nos bares, as visitas aos bordéis, o relacionamento com Matilde, personagem também privada de identidade própria por ser

uma mulher duplamente marginalizada – tanto pelas origens, pois é filha de alemã e negro, como pela sua condição de prostituta, em tudo isso a atitude rebelde do filho afirma-se como reação à opressão do pai e negação radical de um sistema de valores que não se percebe como próprio.

Ao rejeitar a identidade alemã, que identifica com a ordem tiranicamente imposta por *Herr* Hans na vida da família, Rupert afirma-se brasileiro, confirmando esta conquista da liberdade com a escolha da língua: “Tudo fazia por ser brasileiro, contrariando o pai, tinha ingressado numa escola que ensinava em português, enquanto os irmãos frequentam a alemã” [Miguel, 2008: 38]. A escolha da língua de expressão vai constituir a identidade, vai definir a pertença e a cidadania do indivíduo. A língua revela-se como o primeiro e último vínculo com as raízes. *Herr* Hans, que domina “um curto vocabulário em português” [Miguel, 2008: 31], emprega em casa o dialeto próprio dos descendentes de alemães. Nos dias da sua agonia, semiparalisado e com a consciência turva, passa a comunicar-se só em alemão e a referir-se a si próprio na terceira pessoa – referência majestática, a realizar, pela linguagem, aquele sonho de grandeza e transcendência que não se realizou na vida.

Filho rebelde que rejeita a autoridade paterna, e com ela, a identidade ancestral, Rupert sente o fim da opressão com a morte de *Herr* Hans. A verdadeira e absoluta libertação, no entanto, parece chegar-lhe com a decisão de abandonar a Blumenau natal e partir em busca de um novo destino, que só poderá realizar no espaço multicultural da grande cidade: “Não tem amigos. Não considera os parentes. Não deixou ninguém para trás. O Rupert de agora, que é o mesmo e é outro, sempre se imaginou anônimo, morando numa grande metrópole, relacionando-se com quem quisesse ou sem se relacionar” [Miguel, 2008: 166]. Esse Rupert anônimo, que é como se imagina o protagonista no seu sonho de liberdade, será, portanto, um homem de identidade rasa, imprecisa, com as marcas apagadas do passado, livre de laços íntimos que o identifiquem. Aproveitando o motivo alegórico da viagem como fuga, busca e descoberta, a narrativa foca com especial cuidado o espaço/tempo da indefinição, cuja representação

é fornecida pelo estado incerto, entre a vigília e o sono, do protagonista. São ideias que lhe vêm no trem, num estado de semialucinação, entre o sonho e a realidade: “parece-lhe que dormiu. Melhor: cochilou somente, pois não perdeu a total noção das coisas. Sobraram-lhe vagas impressões...” [*ibidem*: 165].

É então que a linguagem, principal portadora da memória do ancestral, irrompe, para neutralizar a dissolução de identidade que ameaça a personagem. Cochilando, no trem, Rupert imagina-se sendo seu tio-avô, que vem da Alemanha num navio e, aproximando-se do porto, lê com muita esperança as promessas nas cartas do Dr. Blumenau. A linguagem, a cruzar oceanos e fronteiras, híbrida, irrompe com a letra de uma canção ou um poema que brota da memória, para confirmar a duplicidade cultural e linguística que define identitariamente Rupert:

Por mais que tentemos, o que está enfurnado no mais íntimo do nosso ser, trazido da infância e da adolescência, reaparece sem que o queiramos, como agora: “Bruderchen, komm tanz mit mir...”, “Passa, passa gavião todo mundo...” em alemão ou português? Naquela mistura, dialeto bárbaro? Não sabe... se esforça por perceber... é inútil... inútil... inútil... [*ibidem*: 166-167].

Por mais que se esforce em rejeitar a identidade alemã dos antepassados e em afirmar como sua a outra, a do país que os acolheu e lhes viu nascer a descendência, estará a perceber esse Rupert bilíngue, portador e depositário dos valores de duas culturas, de duas identidades, que apesar de se afirmar brasileiro nunca deixará de ser filho de um imigrante alemão? Um imigrante como todos os outros que chegaram ao Brasil, sonhando ver seu esforço vingar na construção de uma nova vida e nos filhos com que encheram de força e de futuro sua nova terra. Esses filhos, do mesmo modo que Rupert, vão partir para outros lugares do Brasil, como brasileiros, levando nas suas bagagens uma memória ancestral cada vez mais imprecisa, a dissolver-se. Mas levarão também a carga dramática da sua brasilidade, configurada pela história política e social do país que lhes traça os destinos. O convívio entre culturas, em que vivem imersos os descendentes de

imigrantes e que mistura as velhas tradições das origens às imagens da nova terra, nutre o dia a dia de uma população multicultural que, mesmo mantendo a ligação à identidade de nascença, se renova pelo contacto aberto com o Outro, permeando-se de outras culturas. O intercâmbio, fundindo raças, genes e costumes, verte o amálgama de diversas memórias ancestrais em novos recipientes que são moldados na matriz de uma nova identidade, a brasileira. Afigura-se-me ser esse o sentido irreversível da “jornada” de Rupert, qualquer que seja a significação que se lhe atribua: caminhada, viagem, batalha, empresa ou busca e definição de identidade.

Referências bibliográficas

- DEUTSCHE WELLE, “As diferentes fases da emigração alemã no Brasil”, [on line] <http://www.dw.de/as-diferentes-fases-da-imigra%C3%A7%C3%A3o-alem%C3%A3-no-brasil/a-1195367-1> – 12.02.2014.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, “Os imigrantes alemães no Brasil”, [on line] <http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/alemaes/os-imigrantes-alemaes-no-brasil> – 12.02.2014.
- MIGUEL, S. (2008), *Jornada com Rupert*, Record, Rio de Janeiro–São Paulo.
- MUNICÍPIO DE BLUMENAU, “História do Município de Blumenau”, [on line] <http://www.blumenau.sc.gov.br/blumenau/historia> – 12.02.2014.